O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 33.º — **N.º 1656**
Sábado, 23 de Novembro de 1940
VISADO PELA CENSURA

ARCEBISPO-BISPO DE AVEIRO

Considerado livre de perigo pelos médicos assistentes, como referimos no número anterior, o sr. D. João de Lima Vidal deve entrar, dentro em breve, em franca convalescença.

O Democrata continua a fazer votos pelas suas melhoras e completo restabelecimento.

Responder com verdade aos questionários do censo da população é um dever cívico e patriotico.

REGRESSO HISTÓRICO

A Península e o Grande Império

De Baylen ao Bussaco, do Bussaco a Santa Elena

pelo Dr. ALBERTO SOUTO

Assinalando o 130.º aniversário da batalha do Bussaco, que se pelejou a dois passos daqui, em 27 de setembro de 1810, precisamente no lugar onde hoje se tocam os três distritos de Aveiro, Vizeu e Coimbra, disse eu neste jornal que êsse recentro não foi decisivo.

Não foi decisivo, a-pesar-de ter sido o maior e mais notável da terceira invasão, como em Espanha não foram decisivas Talavera, Salamanca, Albuera, Victória e tantas outras batalhas memoráveis da guerra da Península.

Nos seus efeitos políticos e morais, porém, o Bussaco assemelhou se a Baylen, onde capitulou vergonhosamente o exército de Dupont, um dos herois de Austerlitz, que ineptamente se deixou cercar pelos espanhois, nuns desfiladeiros da serra Morena.

O Bussaco deu prestígio a Welington e incutiu alento aos portugueses e ingleses que combatiam juntos; Baylen tinha animado os espanhois e despertado as nações vencidas que formaram contra a França agressora e invasora a quinta coligação.

Mas o importante na guerra da Peninsula foi que os ingleses experimentaram durante ela a sua tática de combate, totalmente diferente da tática francesa, adestraram os seus comandos, endureceram as suas tropas e desgastaram muitas das melhores fôrças de Napoleão que, vencendo tantas batalhas, acabou por perder aquela que nunca devia ter perdido—a última!

Em Santa Elena o Imperador confessou que as campanhas de Espanha e Portugal lhe tinham sido altamente nefastas. E foram! Um verdadeiro ocaso de herois!

Junot, Soult, Massena, Marmont, Murat, Victor, Ney, Druet de Erlon, Dupont, Lefevre-Desnuettes, Moncey, Gouvion Saint-Cyr, Augereau, Sebastiani e tantos outros generais ilustres da epopeia napoleonica, fracassaram àquem dos Pirineus.

Os veteranos de Austerlitz, de Iena, de Friedland, viram aqui empalidecer a estrêla do génio que tantas vezes os conduzira a essas vitórias que assombraram o mundo.

O próprio Napoleão quando veio à Espanha, proclamou aos seus exércitos:

«*Soldados! Depois das victorias que alcançastes nas margens do Danubio e do Vistula, atravessastes a marchas forçadas a Alemanha e a França sem descançar um instante. Preciso de Vós! O odioso Leopardo* (referia-se à Inglaterra) *está conspurcando os continentes de Espanha e Portugal; quando vos avistar fugirá espavorido. Levemos as nossas águias até às Colunas de Ercules, onde temos ultrages a vingar* (aludia à derrota naval de Trafalgar). *O que tendes feito e o que fareis ainda para felicidade do povo francês e para minha glória, há-de ficar gravado para sempre no meu coração.*»

Nem assim conseguiu vencer de forma a dominar. Os êxitos momentâneos resultaram em desastre definitivo. O Leopardo britânico não desanimou e as águias francesas é que fugiarm esparvoridas, corridas a arcabuz...

Os diminutos exércitos ingleses de desembarque, ajudados pelas valentes fôrças portuguesas, pelas más tropas espanholas e pelo povo, levaram de vencida, afinal, os melhores soldados e os maiores generais do espaventoso Império que se estendera do Atlântico à Rússia e do Báltico ao Mediterrâneo.

Este resultado, porém, não se conseguiu sem pesados e longos sacrifícios.

As duas nações peninsulares sofreram durante alguns anos os horrores da guerra e da fome, das sangrentas repressões, dos abomináveis saques e assaltos, das hediondas violências, da mais atroz miséria.

As duas nações peninsulares, disse; mas deve notar-se que a Espanha foi, no princípio, cúmplice do criminoso desmando do imperador das Gálias e invadiu-nos à sua ordem...

A Inglaterra enterrou no solo ibérico milhões de libras e milhares de filhos seus. Alcançou triunfos, mas também experimentou revezes, suportou desaires, fez dolorosas retiradas, recolheu nos seus navios fôrças em derrota, viu por vezes tudo perdido, mas persistiu, teimou, combateu sempre e venceu por fim porque foi inquebrantável e soube ser a última a ganhar.

Em 7 de outubro de 1813, Welington passava o Bidassoa, lá na fronteira norte da Espanha, e entrava em França persiguindo o marechal Soult e os restos dos exércitos invasores.

Ano e méio depois, a 17 de Junho de 1815, nuns campos da Bélgica onde se encontram as estradas de Nivelle e Charleroi com a estrada de Bruxelas, o Império do Grande Corso enterrava-se na lama sinistra e afogava-se no sangue da Europa.

E era o mesmo Welington, que em agosto de 1808 desembarcara ali na costa de Lavos, ao sul da Figueira, para ir atacar na Roliça e no Vimeiro os franceses de Junot, vindos de Lisboa ao seu encontro; o mesmo Welington que em 1809 metera um grande comboio marítimo na barra de Aveiro para abastecer o exército anglo-luso que acometia o Pôrto, onde Soult instalara o seu quartel; o mesmo Welington que em 1810 comandara no Bussaco o exército aliado e aí derrotara Massena, Ney e Reynier; êsse mesmo Welington, o tal inglesinho a quem Napoleão quiz dar um calor e que delineara as linhas de Torres e acossara os franceses até Toulouse, quem destroçava para sempre o poder do maior batalhador e conquistador dos tempos modernos.

Napoleão, que atacara tôda a Europa e que vencera e subjugara quási todo o continente, nunca conseguiu abater a Inglaterra. Seria inglês o seu vencedor, seria inglês o seu carcereiro, seria aberta em terra inglesa a sua cova!

Vendo-se acometido por todos os lados e por todas as nações por êle vencidas e oprimidas, vendo se traído pelos seus generais e pelos que êle fizera grandes com a sua grandeza, abandonado e repudiado pela própria França que procurara engrandecer mas que tanto comprometera, êle que era enorme nos talentos e gigantesco no valor, foi entregar-se à sua figadal inimiga — a Inglaterra!

Do espantoso naufrágio do seu Império, o náufrago recolhia-se a um navio do adversário.

Anos depois morria no exílio da ilha de Santa Elena, rochedo desolado e ardente, perdido nos confins dêste Atlântico cujo domínio êle nunca podera obter.

O pesadêlo do seu império durara onze anos sôbre a Europa. Todos os povos, belicosos ou pacíficos, sentiram êsse pesadêlo, e nós sentimo-lo, em três injustificáveis invasões, deixando no nosso país um pavoroso rasto de mortes, de crimes, de desgraças e de misérias.

Se ao trágico balanço juntarmos a afronta feita à nossa soberania e à nossa independência, teremos o doloroso custo do tributo que fomos forçados a pagar ao sonho imperialista do grande agressor de povos que se chamou Napoleão.

Telefones

Escreve-nos um assinante a aplaudir o que êste jornal publicou àcêrca da cabine telefónica, pública, existente num dos cafés dos Arcos e faz a êsse respeito considerações absolutamente justas por assentarem na verdade.

Um telefone colocado numa escada, sem luz, quási em contacto com as pessoas que passam e próximo duma pequeníssima sala — se isso se lhe pode chamar — onde se serve café e bebidas espirituosas; se joga o dominó e as damas, e a barulheira dos fregueses, por permanente, que é, impossibilita a ligação e a audição, torna-se intolerável. Aquilo, ali, está mal, muito mal mesmo. E por que são muitas as pessoas a queixarem-se de não poderem fazer uso da única cabine pública existente no centro da cidade em face das péssimas condições que oferece, eis a razão da nossa insistência no sentido de serem tomadas providências de harmonia com os interêsses da cidade.

Atravez do Vale do Vouga

Efectuou-se no dia 15, como pre-noticiámos, a inauguração do *auto-rail*, novo veículo posto a circular na linha férrea do Vale do Vouga para o serviço rápido de passageiros e que foi construido nas oficinas da Companhia sob a direcção dum modesto carpinteiro—Joaquim Henriques — assaz considerado pelas suas qualidades de trabalho e artista consciencioso.

A viagem iniciou-se às 9 horas e meia em Espinho, tomando lugar no carro os srs. engenheiros Tristão Ferreira de Almeida, director dos Serviços de Exploração; Constantino Cabral, director; Melo Duque, chefe dos Serviços de Material de Tracção; Ricardo Gaioso, chefe dos Serviços de Via e Obras e Maximiano Pais, chefe dos Serviços de Trafego e Movimento; Simão da Silva, chefe das oficinas; dr. Castro Soares, presidente da Câmara de Espinho e representantes da Imprensa.

Em Vouzela houve festiva recepção na qual tomaram parte as autoridades do concelho e de Vizeu, com o sr. governador civil à frente, tendo-se seguido um opíparo almôço regional no *Mira-Vouga*. Pelas 14 horas e meia partiu o *auto-rail* para a cidade de Viriato onde, na séde da Comissão Municipal de Turismo, foi servido também, um *Pôrto de Honra* aos passageiros. O regresso fez-se, depois, em direcção à Sernada e dali a Aveiro, levando a Companhia do Vale de Vouga a sua gentileza até o ponto de oferecer aos convidados um jantar no *Arcada-Hotel*.

Decorreu a digressão sem o menor incidente, pelo que, ao felicitarmos a Empreza ferroviária que tantos benefícios vem prestando à região que serve, lhe desejamos as màximas prosperidades.

O TEMPO

Ainda estamos no Outono e todavia dias temos tido já de rigoroso Inverno.

Assim não devia valer. Haviam de ser todos como o de ontem.

Congresso da Pequena Imprensa

O Trabalho, de Viseu, insistindo pela sua realização, acha que não nos devemos preocupar com a falta de entendimento colectivo.

Nesse caso, quem reune?

Não será demais?

Tendo os jornais de Lisboa noticiado que ia subir o preço do leite, dizem de Avanca que o facto causou ali admiração pois a-pesar-do precioso alimento ser vendido na capital ao preço de 1$60 cada litro, o lavrador continua a receber, sòmente, $50 por essa quantidade!

Não se compreende, com efeito, que a margem de lucro, já de si tão grande, seja ainda aumentada e o lavrador, cuja situação financeira é péssima, continue a receber, apenas, o que mal chega para a alimentação das vacas.

E o consumidor? Não tem direito, também, a defender-se dos vampiros?

Obras da barra

O nosso colega *O Ilhavense* diz que sabe de fonte autorizada estar o Governo animado do melhor desejo de incluir no orçamento do próximo ano a verba indispensável para a continuação das obras do porto de Aveiro, de modo a torná-lo acessível às embarcações que o demandam.

Oxalá a notícia se confirme.

Gralhas & C.ª

O Democrata, redigido a semana passada com certa precipitação, saiu com bastantes incorrecções, do que pedimos desculpa aos leitores.

E' que até a revisão foi péssima. Paciência...

Carta de Lisboa

Expressivas manifestações

A amisade luso-brasileira acaba de ter nos últimos dias mais duas provas do seu altíssimo valor.

A primeira foi a romagem à sepultura de Pedro Alvares Cabral, na igreja da Graça, em Santarem. Durante a interessante e bem expressiva cerimónia, de novo foi exaltada a irmandade luso-brasileira.

A segunda foi a realização do Congresso Luso-Brasileiro da História. Portugal e Brasil, pátrias irmãs, filhas da mesma raça, senhoras da mesma História, herdeiras e guardiãs do mesmo património mostram, assim, ao mundo que podem os ventos insanos e desvairados conduzir os povos pelos mais difíceis e turtuosos caminhos que nem por isso deixará de haver sôbre a terra uma comunidade de cêrca de 80 milhões de almas para a qual só uma amisade forte e mútua é lema orientador, é norte, guiando seus passos.

Repulsa compreensível

A nossa primeira cidade ainda não deixou de manifestar a maior e mais viva repulsa pelo miserável atentado da Sociedade de Geografia de que foram vítimas o sr. Arcebispo-Bispo de Aveiro e o sr. dr. Oscar Carmona da Silva e Costa.

Figuras das de maior categoria e relêvo na sociedade portuguesa, que tem, quer pelo ilustre e venerando prelado, quer pelo neto do sr. Presidente da República a maior estima, a mais alta consideração, a agressão de que foram vítimas chocou profundamente a nossa capital, que viu na bárbara e vil agressão uma reminiscência ultrajante dum passado de miséria, que todos os bons portugueses fizeram por tornar página morta na vida da nossa Terra.

O crime da Sociedade de Geografia é, na verdade, dos que merecem castigo, castigo que, estamos certos, a justiça não deixará de lhe ministrar.

GIL DO SUL

Cartas a uma amiga de longe

Novembro, 1940

Minha querida:

Fez parte, também, das Comemorações Centenárias a evocação de Padre António Vieira.

Quando Portugal faz reviver o passado e tôda a sua pleiade de homens ilustres, não seria justo esquecer a figura gigante de Vieira, o missionário ilustre de terras brasileiras, o orador consagrado, o epistológrafo admirável, o conselheiro inteligente e sagaz.

No púlpito, o seu verbo arrebatava os fieis encantados com a sua oratória brilhante, com a sua linguagem enérgica e nervosa, bela e conceituosa, rica e clara. Os sermões não eram, apenas, hinos erguidos até Deus e preces a êsse mesmo Deus de que era servo: eram ainda intimativas à confiança que os portugueses de então deviam ter na pátria e à obrigação que êles tinham de a defender ousadamente. Pátria e Deus—tais foram os seus têmas e tão bem os soube sempre desenvolver, que lhe chamaram o *Crisóstemo Português*, o *Bôca de Ouro*. A sua oratória, embora tivesse influência gongória, era clara, límpida e brilhante. Ora fazia descer os fieis aos mais profundos abismos do inferno, ora levava as almas até aos reinos celestiais; ora lhes falava nas calamidades dum fim dum mundo e dum tribunal gigante, onde a justiça aos maus se faria sem perdão nem atenuantes, ora mostrava quão seria grande a recompensa que Deus daria aos bons e aos que não prevaricaram.

Nas terras longínquas do Brasil, onde foi missionário, era o pai extremoso dos indígenas, almas simples e rudes que êle ia catequizando com esmêro inegualável. Tinham nêle um defensor infatigável os humildes, um inimigo temível os que mandavam sem justiça, os que governavam sem piedade.

São dessas regiões mazónicas as cartas admiráveis que o apóstolo escrevia, quási sempre com o propósito firme de melhorar a triste situação dos negros. E essas epístolas, obras de arte que o seu génio modelou sem pretensões, são duma pureza e duma simplicidade inexcedíveis.

Se Vieira foi grande na oratória, foi enorme na epistolografia.

D. João IV teve nêle o amigo fiel, o conselheiro habilíssimo, o político sagaz, que depois da sua morte sonhara ainda trazê-lo à vida.

E o Portugal de hoje, êsse Portugal que o orador da Restauração amou sempre e por quem sempre trabalhou e sofreu, prestou-lhe uma homenagem bem merecida. Pelas naves da igreja de S. Roque, onde há três séculos a sua voz proferiu o famosíssimo sermão de Epifânia, êle ressoou, de novo, perante os portugueses do século XX, que não esquecem os seus antepassados ilustres, antes, os fazem reviver.

Um abraço da

Zèmi

A estatística demográfica de que o censo da população é elemento fundamental constitui instrumento orientador da acção governativa para a resolução de muitos problemas nacionais e regionais.

Falta de espaço

Deixamos de inserir esta semana, além de outros originais, o artigo do nosso assíduo colaborador J. Carreira.

Aniversário lutuoso

Passou ante-ontem o primeiro aniversário da morte do sr. Américo Silva, chefe aposentado da P. S. P. do distrito e ajudante da Tesouraria Judicial.

Impôs-se pela sua honestidade, pela sua modéstia e pela sua conduta—predicados que dignificam as pessoas e as distinguem no meio onde vivem.

Por isso o recordamos. E agradecemos os 5$00 que nos foram enviados para os nossos pobres,

Quantos somos? Como vivemos? E' o que nos vai revelar o recenseamento da população que se efectua em 12 de Dezembro próximo.

O Grupo Cénico dos "Galitos„ vai a Lisboa

O diário vespertido da capital *República* publicou no terça-feira o que segue:

Lembram-se os leitores da vinda a Lisboa, vai para três anos, do grupo cénico do Clube dos Galitos, de Aveiro, que no Coliseu dos Recreios representou com um êxito estrondoso uma revista-fantasia que tinha por nome *Ao cantar do Galo?*

Pois «Os Galitos» estão a preparar-se para uma nova digressão à capital, segundo hoje nos disse o sr. António José Flamengo, que na companhia do sr. João Macedo veio à capital tratar do assunto.

—Peça nova? — preguntámos.

—Novinha em fôlha. E' uma fantasia regional, da minha autoria, com versos do dr. Luís Regala e música do maestro João Lé com a colaboração de outro maestro, Nóbrega e Sousa, que compôs uma valsa.

—Chama-se...

—*Môlho de escabeche.* Tem 2 actos e 26 quadros. Os cenários foram pintados por Reinaldo Martins e Luís Salvador e a montagem da peça custou 90 contos!

—Mas isso é uma loucura a que não se atrevem todos os empresários de Lisboa...

—Metemo-nos nisto e agora temos de ir para a frente. Estamos a tratar da nossa vinda a Lisboa, que da outra vez tanto nos acarinhou e incitou.

—Tencionam realizar apenas uma récita!

—Não. As despesas de montagem e deslocação obrigam-nos a realizar uns cinco ou seis espectáculos. Depende da forma como o generoso público de Lisboa nos acolher.

—Os intérpretes são todos de Aveiro?

—Intérpretes, autores e maestros. Tudo gente da terra, amadores, bem entendido.

—O que é a peça?

—Como já lhe disse, uma fantasia regional, em que procurámos apresentar, sob os mais variados aspectos, a esplêndida riqueza do folclore aveirense.

—O elenco...

—E' constituido por 12 actrizes e 8 actores, amadores, não se esqueça. O corpo coral, que supomos afinadíssimo, é formado por 17 raparigas e 15 rapazes.

—E o guarda-roupa?

—Todo nosso, confeccionado em Lisboa por D. Isaura Paiva e Laert Neves, sob figurinos dêste artista e de Aníbal Ramos.

—Mas isso é uma peça com uma montagem principesca...

—Foi uma temeridade, sem dúvida, mas estamos certos de que o público de Lisboa saberá reconhecer e compensar os nossos esforços.

—Quando tencionam vir a Lisboa?

—Possivelmente em princípios ou meados de Dezembro. Encetámos já negociações com o empresário sr. Ricardo Covões para que nos possamos apresentar no Coliseu dos Recreios. Devo dizer-lhe que temos o valioso patrocínio de *O Século*, graças à magnífica compreensão e espírito generoso do seu ilustre director, sr. João Pereira da Rosa, e que se conseguirmos algum lucro com os nossos espectáculos, êle será integralmente distribuído pelos pobres, como fizemos da primeira vez que viemos à capital, em que distribuimos 38 contos por gente necessitada.

* * *

Antes de se deslocar à capital o *Grupo Cénico do Club dos Galitos*, resolveu dar nesta cidade mais alguns espectáculos, estando já marcado o primeiro para o dia 30 do corrente.

A fantasia regional sofreu, ultimamente, algumas modificações, sendo de novo aguardada com interêsse.

O Problema do Funcionalismo Público

A Direcção Geral da Fazenda Pública publicou, como já noticiámos, o discurso proferido pelo sr. Presidente do Conselho em 5 de Setembro, com o título da epígrafe.

Desta edição foi feita larga distribuição.

As entidades que porventura o não tenham recebido poderão solicitar exemplares à referida repartição.

Medida profilática

Acabou de se extender ao Pôrto a proïbição expressa de cuspir e escarrar no chão. Foi publicada uma postura municipal nesse sentido, que obriga os contraventores ao pagamento duma multa, devendo, por isso, ter cautela os estranhos para não serem encomodados.

Aplaudimos a medida, que é digna de se estender a todo o país, não só como benefício higiénico, mas também para acabar o desprestígio que tão antipática usança representa perante os forasteiros, que cada vez mais procuram, àvidamente e por tôda a parte, as belezas naturais da nossa terra e as opulências do nosso património histórico e monumental.

Se os aveirenses quizerem, voluntàriamente, entrar no movimento contra o feio hábito...

Aveirenses! Florir as varandas dos prédios é contribuir para o embelezamento da cidade.

Para a Armada

Pelo D. R. M. n.º 10 foram afixados editais nas freguesias da Glória, Aradas, Cacia, Eixo, Esgueira e Oliveirinha, dêste concelho, com os nomes dos mancebos destinados à Armada e a encorporar em 8 de Janeiro do próximo ano.

Escarrar para o chão, além de ser feio, é anti-higiénico.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Lidia da Costa Crespo, residente na Batalha; o nosso bom amigo Càrlos Aleluia, da acreditada Fábrica Aleluia; *os srs. José Meireles, Manuel F. Leite Pais e António Campos Graça, e a interessante Júlia Seabra Duarte e os meninos Carlos Augusto Nóbrega da Silva e José Moreira de Matos, filhos, respectivamente, dos srs. Severim Duarte e tenentes Natividade e Silva e Joaquim de Matos; no dia 26, o nosso amigo Jorge Marques, residente em Esgueira; em 27, o sr. Carlos de Pinho Guedes Pinto, consul do nosso país em Dakar (Africa Ocidental Francesa); em 28, a sr.ª D. Maria José Martins Mota Lima, esposa do sr. Luciano Marques Lima, residentes em S. Lourenço (Sabrosa) e o sr. António dos Santos Neves, proprietário da* Leitaria Chic, *e também sua esposa, e em 29, a tricaninha Maria da Ascenção Graça, filha do sr. Manuel Dilalma Graça, e o menino Vitor de Azevedo, filho do nosso dedicado assinante sr. Manuel Seabra de Azevedo, importante industrial em Sá da Bandeira (Africa Ocidental).*

Gente nova

Foi registada, no domingo, a filhinha da sr.ª D. Idalina Branco Pinto da Silva e de seu marido o sr. Antero Monteiro da Silva, residentes em Chaves, tendo servido de padrinhos o sr. Alberto Vaz Pinto, 1.º sargento de Cavalaria 5 e esposa, avós da recem-nascida.

Recebeu o nome de Maria da Glória.

Partidas e Chegadas

Com sua estremosa família regressou de Viseu, onde passou algumas semanas, o capitão de cavalaria sr. António Rodrigues Morais, que há muitos anos aqui fixou residência.

—Depois de ter passado uma tem-

1.º de Dezembro

Para comemorar a data da restauração e independência de Portugal, foi elaborado o programa duma récita promovida pela Associação Escolar do Liceu de José Estêvão e pela Mocidade Portuguesa.

Consta de duas partes: 1.ª Algumas palavras pelo presidente da Academia; números de canto coral executados pelo orfeon do Liceu (Hinos da Restauração, Académico e Nacional); recitação do monólogo do 2.º acto da peça *Felipa de Vilhena*, de Almeida Garrett, pela aluna Fernanda Afreixo, do 7.º ano; 2.ª—Representação da comédia em 3 jornadas de D. Francisco Manuel de Melo, *Fidalgo Aprendiz*.

Esta festa realiza-se no Teatro do Ginásio, devendo principiar pelas 21 horas daquele dia.

* * *

A Mocidade Portuguesa também comemora o 1.º de Dezembro festivamente, tendo elaborado já o programa que publicaremos no próximo número.

CARREIRAS DOMINICAIS

Pela Direcção Geral de Viação foi ordenado um inquérito sôbre o prejuízo que pode causar a supressão das carreiras de camionetes entre esta cidade, a Gafanha, Barra e Costa Nova ao domingo—dizem-nos.

Então aguardemos o resultado na certeza de que justiça há-de ser feita aos povos lesados.

Cooperativa da Guarnição Militar de Aveiro

—=—

COMANDO MILITAR DE AVEIRO

Nos termos do art. 30.º dos estátutos da mesma Cooperativa, convoco a Assembleia Geral Ordinária a reunir no dia 4 do próximo mez de Dezembro, por 16 horas na Sala dos Oficiais do Regimento de Infantaria n.º 10 a-fim-de se proceder à eleição dos Corpos Gerentes para o ano de 1941.

Caso não reuna número legal de sócios, é a mesma Assembleia Geral transferida para o dia 7 do dito mez, no mesmo local e hora.

Aveiro, 18 de Novembro de 1940.

O Comandante Militar
Gaspar Inácio Ferreira
Coronel

Comarca de Aveiro

—x—

Divórcio

Por sentença de 28 de Outubro de 1940, que transitou em julgado, foi decretado o divórcio litigioso entre os cônjuges Rosa de Jesus Cageira, ou Cármina de Jesus Cageira, doméstica, e António de Oliveira, marítimo, ambos de Ilhavo, nos termos do n.º 5 do art. 4.º do Decreto lei de 3 de Novembro de 1910.

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 2.ª Vara,
A. Fontes
O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara
João António de Morais Sarmento

Comarca de Aveiro

—

Editos de 20 dias

2.ª Publicação

Pelo Juízo de Direito da 2.ª Vara da Comarca de Aveiro—1.ª Secção—correm editos de 20 dias, contados da última publicação dêste anúncio, citando os credores desconhecidos, para, no praso de 10 dias, decorrido o praso dos editos, virem deduzir os seus direitos na acção sumária comercial em execução de sentença requerida pelo autor-exequente Anselmo Rodrigues Branco, casado, lavrador, do Solposto, freguesia de Esgueira, desta comarca contra o reu executado António Rodrigues de Carvalho, divorciado, lavrador, do lugar e referida freguesia de Esgueira.

Aveiro, 11 de Novembro de 1940.

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 2.ª Vara
A. Fontes
O Chefe da 1.ª Secção
António Augusto dos Santos Vitor

Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha

—o—

CONCURSO

Dr. Bernardino de Albuquerque, Presidente da Câmara Municipal do concelho de Albergaria a-Velha:

Faço saber que se acha aberto concurso, por espaço de trinta dias, a contar da segunda e última publicação no *Diário do Govêrno*, para o provimento do lugar de escriturário de terceira classe da Secretaria desta Câmara, cuja criação foi autorizada por S. Ex.ª o Ministro do Interior, por despacho de 11 do corrente.

O ordenado mensal é de 550$00.

Os concorrentes deverão apresentar na Secretária da Câmara, dentro do prazo referido, todos os documentos de conformidade com as leis e sujeitarem-se às provas práticas, no dia que lhes fôr designado.

Albergaria-a-Velha, 19 de Novembro de 1940.

O Presidente da Câmara Municipal
Bernardino de Albuquerque

JULGADO MUNICIPAL DE VAGOS

—o—

Editos de 40 dias

1.ª publicação

Por êste Julgado Municipal, correm éditos de 40 dias a contar da segunda e última publicação do competente anúncio, citando o réu José Maria Cheganças, casado, agricultor, com a última residência no lugar da Lomba, desta freguesia de Vagos e actualmente ausente em parte incerta dos Estados Unidos do Brasil, para dentro do prazo de oito dias, depois de findo o dos éditos, apresentar a sua impugnação na acção sumaríssima que a êle e sua mulher move Manuel de Miranda Catarino, casado, proprietário, do lugar da Fonte de Angião, da freguesia de Covão do Lobo, para receber deles a renda de quatrocentos e desasseis litros de milho ou o seu equivalente em dinheiro na importância de tresentos e vinte e sete escudos e sessenta centavos, renda esta correspondente ao ano de mil novecentos e trinta e oito e relativa ao prédio de terra lavradia sita no lugar da Lomba que o autor deu de arrendamento aos réus por periodos renováveis de um ano e pela renda anual de quatrocentos e desasseis litros de milho, a pagar em Setembro de cada ano.

Com a impugnação deverá o réu oferecer o seu rol de testemunhas e juntar todos os documentos respeitantes à causa, bem como a guia comprovativa de haver efectuado o necessário preparo, sob as penas da lei.

Vagos, 13 de Novembro de 1940.

O escrivão,
João Simões Ferreira
Verifiquei:
O Juiz do Julgado Municipal,
José Reinaldo Calixto Moreira

porada em Pessegueiro do Vouga, também chegou a esta cidade o sr. José António P. de Macedo Vasconcelos, distinto funcionário de finanças, aposentado.

—Esteve, de passagem, nesta cidade, o sr. desembargador Azevedo e Castro, nosso velho amigo.

—Após uma ausência de alguns mezes, regressou a Aveiro o nosso colega da imprensa regional, sr. Laudelino Melo.

Doentes

Tendo-se acentuado as suas melhoras, o que muito estimamos, regressou da capital o nosso presado amigo sr. José Moreira Freire.

—Recolheu à cama, com gripe, o nosso amigo Carlos Vieira Tavares, da Casa do Rádio, da Avenida Dr. Lourenço Peixinho.

CASA DO LIVRO

Na Rua do Ouro, 140-1.º, em Lisboa, acha-se instalada esta organização que, à semelhança de tantas outras estrangeiras, se dedica principalmente à venda de livros em saldo. O seu programa é, portanto, simples e único: vender o livro—qualquer que seja—por metade do seu preço normal.

Ainda há pouco e com o desconto médio de 50 %, a Casa do Livro expoz à venda obras de Fialho, Ferreira de Castro, Afonso Lopes Vieira, Pinheiro Chagas além de muitos vários, tendo ultimamente adquirido o resto da edição do magnifico volume de Lobo de Avila, *Duplo Centenário*, que vende a 5$00, prestando, assim, ao público um serviço não só cultural e económico, como tambem patriótico.

Agradecemos à Casa do Livro a oferta que nos fez, estimando que não lhe faltem clientes.

Secção Desportiva

Foot-Ball

Debaixo de chuva, o que não devia ser permitido, realizou-se domingo, no Estádio Mário Duarte, mais um encontro para o campeonato do distrito, entre o *Beira-Mar* e a *A. D. Ovarense*, que terminou por um empate de 1-1.

José de Pinho foi quem marcou a bola dos aveirenses.

Necrologia

Com 22 anos, apenas, finou-se terça-feira, João da Conceição Conde, que no dia seguinte foi sepultado no cemitério novo.

Era irmão do comerciante Feliciano C. Plácido.

* * *

No bairro de Sá expirou, com 14 meses, o inocente Jaime Emídio Candeias Valentim, filho do 1.º sargento sr. Jaime Valentim, actualmente em Africa, e sobrinho do sr. Artur Candeias.

Deixou muitas saüdades.

* * *

Em Salreu deixou de existir, vitimado por uma doença cardíaca, o estimado farmaceutico daquela localidade e nosso bom amigo, sr. António de Abreu Campos, cujo funeral foi uma grande demonstração das simpatias que gosava.

* * *

Em Lisboa e após uma operação a que se havia submetido, faleceu ante-ontem, com 39 anos, o sr. Mário Costa, locutor da Emissora Nacional.

Era casado com a sr.ª D. Eduarda Meireles e cunhado dos srs. José, Hermenigildo e Nuno Meireles.

A's famílias enlutadas os nossos sentimentos.

Correspondências

Esgueira, 20

Vem aqui jogar, no domingo, com o grupo de *basket*, do *Recreio Musical*, o *Atlético*, da Casa do Povo de Oliveira do Bairro.

Os nossos rapazes estão empenhados em se desforrarem do resultado obtido naquela vila.

—Com as últimas chuvas tanto o caminho que dá acesso ao esteiro como a estrada que liga com o lugar da Forca ficaram em misero estado.

Quem dá providências?

C.

Regimento de Infantaria n.º 10

—o—

Anuncio

1.ª PRAÇA

O Conselho Administrativo dêste regimento faz público que no dia 3 de Dezembro de 1940, pelas 14 horas, na sala das sessões do mesmo Conselho Administrativo, há-de proceder-se à arrematação em hasta pública dos estrumes produzidos pelos solípedes do regimento e adidos durante o ano de 1941.

As propostas, feitas em papel selado da taxa em vigor e segundo o modêlo do caderno de encargos, serão entregues na Secretaria do referido Conselho em carta fechada e lacrada na ocasião da abertura da praça, acompanhadas da quantia de 100$00 como caução provisória.

A caução definitiva, é de 10 % do valor máximo provável da venda anual.

O caderno de encargos está patente, todos os dias úteis, das 14 às 17 horas, na citada Secretaria onde se prestam todos os esclarecimentos.

Quartel em Aveiro, 18 de Novembro de 1940.

O Secretário,
João Batista Marques
Alferes

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Comarca de Aveiro

—

Arrematação

No dia 30 do corrente mês de Novembro, por 12 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e na execução de sentença que Ventura de Almeida, casado, comerciante, do Feiro, move contra os executados Manuel Tavares de Sousa e mulher, moradores na Rua de Sá desta cidade de Aveiro, proceder-se-á à arrematação, em 2.ª praça, para ser entregue a quem mais oferecer acima da quantia de 44.397$60, do seguinte:

Uma propriedade que se compõe de casas de 1.º andar, casas térreas, terra lavradia, poço e mais pertenças, sita naquela rua de Sá; e bem assim, no mesmo dia, por 13 horas, e nas moradas dos executados, vai tambem à 2.ª praça para ser entregue a quem mais oferecer acima da quantia de 20$00, uma banca de pinho com pia de lousa.

Aveiro, 11 de Novembro de 1940.

Verifiquei:
O Juiz de Direito da 2.ª Vara
A. Fontes
O Chefe da 1.ª Secção da 1.ª Vara
Julio Homem de Carvalho Cristo